

Fundadores: Anibal de Moraes, Manuel Vaz de Miranda e Dr. José Arroio

Redacção, Administração e Oficinas
AVENIDA DOS ALIADOS, 144, 148.
Telefones:

P. B. X. — 7313 7314 7315. Estado, 16.

Filial em Lisboa:

Rua da Misericórdia, 17-1.º andar.

Telefone: 22 269. Estado 325

Endereço telegráfico: NOTÍCIAS — Pôrto

Editor: CARLOS ROCHA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

JORNAL

Verão de S. Martinho

Como luz de candeia que se apaga, e brilha mais no último clarão, o Verão de S. Martinho é sorriso lindo dum sol que se despede — generoso dom de quem vai partir. De novo aquece a natureza e a luz rebrilha num cântico de alegria, como se nascesse outra vez a primavera e as avezinhas voltassem aos seus ninhos.

Até o homem se sente reviver nestas lindas tardes soalheiras em que o ar perfumado dos campos nos prende mais docemente à vida.

As fôlhas do outono não deixaram, porém, de cair; e as noites frias e prolongadas depressa nos tiram as ilusões. O inverno está à porta, e cada um de nós bem se apercebe de que é urgente cuidar dos agasalhos e da lenha para a lareira.

Verão de S. Martinho, como te saúdam aquêles que não têm manto nem brasa para se aquecer! Que saídas tu não deixas atrás de ti!

Tudo isto me fez lembrar aquêles simpático rapaz que me veio anunciar a generosidade dum sacerdote, seu conhecido, que lhe deu quatrocentos escudos para tirar da casa de penhores os cobertores da sua cama, o sobretudo velho que tinha e um guarda-cupa a que não dava uso.

—Minha mulher vai ficar contente, e minha filhinha não terá frio este inverno! Que alegria!

Casas de penhoras! usura sobre as lágrimas dos pobres!

Penhor que venha a cair na casa de «pregos», é penhor que raro ou nunca se levanta. Tantos por cento para avaliação, quatro por cento de juro ao mês. O que valia com foi avaliado por trinta. Não sairá dali, somadas tôdas as despesas e juros, por menos do dôbro do seu valor. O pobre que, em hora de angústia, correu à casa de penhores em derradeira esperança, não mede tôda a extensão da tragédia daquêles farraços que tanto custaram a comprar. E, pouco a pouco, a realidade vai-o conformando à idéa de perder quanto esperava, de início, reaver depressa. Por vezes, o objecto penhorado é um cofre de alegres ou tristes recordações. Não se lhe desprende facilmente o coração. E para o manter, na esperança de melhores dias, novas coisas se lhe vão juntar, que é necessário, mês a mês, pagar os juros.

Mas a casa de penhor, em dois anos, recupera em juros o capital emprestado. E, se é levantada a coisa penhorada, o próprio capital entra também nos seus cofres. Se os juros não são pagos, o penhor é bastante valioso para recuperar, dobrado ou triplicado, o capital que se emprestou.

Em Bairros pobres, e em certos meios de trabalho, há sistemas diferentes da mesma usura. O desgraçado que precisa de algum dinheiro tem sempre aberta a caixa do crédito clandestino. Se pagou no fim da semana, entrega de juro dez por cento. E cada semana que passa, outros dez por cento por cada uma! No Bairro da Corraieira, ali perto do Alto de S. João, nesta doce capital do Império, há também quem empreste dinheiro. Mas cada vinte escudos que se pedem, pagam de juro um escudo por dia, enquanto não for restituído o capital. Quere dizer: mil e oito centos e vinte e cinco por cento de juro ao ano!

A especulação nêstes Bairros pobres ou nos centros de trabalho, não é porém feita em grande escala. Mas o mesmo já se não dá nas casas de penhor, onde a pobreza se vai transformando quasi sempre em miséria.

E nada demove êsses homens do rigor das normas estabelecidas. De tal maneira se lhes vai endurecendo o coração que nada os afasta da voraz rapina, nem sequer as lágrimas de sangue das suas vítimas.

Não era assim noutros tempos. O velho Moisés, que ouviu a voz de Deus no monte Sinai e impôs leis, em Seu nome, ao seu povo, ordenara (Deuteronomio): «quando exigires do teu próximo alguma coisa do que êle te deve, não entrarás em sua casa para tomar penhor, mas estarás fora e êle te trará o que tiver. Mas se êle for pobre e te der por penhor a sua capa, não permitirás que a tua casa, mas tornarás

FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

dos os direitos
reservados

a dar-lha antes de se pôr o sol, para que durma agasalhado, e te abençoe e tenhas por ti a justiça diante do Senhor teu Deus.»

Aquêles tempos, que nós hoje chamamos bárbaros e selvagens, eram como se vê, bem mais humanos do que os nossos. Antes de se pôr o sol, o pobre recebia o seu penhor, porque as noites eram frias e não devia dormir sem agasalho. A roda dura do progresso e da civilização sem Deus, fez de tudo isto pieguices indignas do nosso tempo. Mas o pobre trinta de frio neste verão de S. Martinho... na era radiante da civilização moderna!

Rodaram os séculos depois que Moisés falou. Mas o pensamento divino, êsse permaneceu. João, o pregador do deserto, ergueu severo a voz ameaçadora e as multidões compungidas interrogavam-no sobre o que deviam fazer: «o que tem duas túnicas dê uma ao que nenhuma tem; o que tem de que comer faça o mesmo.»

Novos séculos passaram e, já em pleno cristianismo, Santo Ambrósio clamava: «Não é maior o crime do que roubar, do que o daquêle que tendo e podendo, não dá aos necessitados. E' dos famintos o pão que tu retens; dos nus os vestidos que amontoas; dos miseráveis o dinheiro que afeitoilhas.»

Nestas lindas tardes do Verão de S. Martinho, que o nosso pensamento se não deixa prender apenas d'beleza do sol que nos aquece e nos alenta. Junto de nós, há famílias inteiras sem agasalho para a frieza da noite e carnes tenras de criança a tritar de frio e talvez de fome. Do muito ou do pouco que temos em nossas casas levemos aos que sofrem agasalho e pão, para que a Justiça de Deus se realize em nós. Os da civilização existam.

ABEL VARZIM